

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

PORTAL KHANEH: DO AFGANISTÃO AO BRASIL, À PROCURA DE REFÚGIO

Memorial descritivo - Trabalho de Conclusão de Curso

LUANA COSTA FRANZÃO - 1122814

SÃO PAULO/SP

2024

Relatório descritivo do projeto solicitado para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Graduação em Jornalismo do Departamento de Jornalismo e Editoração, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) orientado pela Profa. Dra. Eun Yung Park.

São Paulo

Agradecimentos

Essa conquista é antes nossa do que minha. Nada vale a pena quando se está sozinho.

Aos meus pais, Kassia e Eginaldo, por terem usado seus pés para abrir o meu caminho. Tudo o que eu faço é para tentar retribuir o que fizeram por mim, e acho que nunca conseguirei. Seguirei tentando.

À minha mãe, por dividir todos os dias comigo. Por me ensinar que há de se endurecer, sem perder a ternura, e que a disciplina é o amor que se constrói todos os dias.

Ao meu pai, por me mostrar que sempre é tempo de se encontrar no mundo. Que é preciso ter coragem para seguir seu próprio caminho, mas que nada pode ser tão recompensador.

À minha avó Iracy, que me deu a luminária que ilumina a minha escrivaninha para que eu possa estudar com mais conforto. Sem ela, não poderia ler o que está nas entrelinhas. Aos meus avós Edna e Egídio, por não esquecerem o “bom dia” uma vez sequer. Sem isso, nem sairia da cama.

Ao Harry, por ter esquentado meus pés enquanto eu escrevia todos os trabalhos da minha graduação, menos esse. Sempre será meu melhor amigo.

À Lara, à Camila e ao Arthur, por me conhecerem de dentro para fora, de trás para frente, e me dizerem o que eu preciso ouvir.

Ao Jorge, por ser o primeiro a ler cada linha desse trabalho. Por me mostrar que é muito melhor viver sorrindo e dançando. Por isso, meu coração vive em festa.

Às Beatriz, à Sofia e ao Thiago, por nunca me deixarem esquecer que a felicidade só é real quando compartilhada, e que toda espontaneidade é digna de registro.

À Gabi, com quem dividi meus pensamentos por mais de 1800 dias, e contando. Porque vale a pena compartilhar tudo com você. Ao Gabriel, ao Bruno e à Maria Luísa por termos conseguido sorrir juntos nos piores anos.

À Vívian e à Sarah. Acredito que nós nos reconheceríamos em qualquer lugar. O destino só quis que fosse no mais lindo de todos.

À Tamara, ao João Pedro, à Pietra e ao Leonardo, por tão gentilmente me acolherem na universidade, na profissão e nas suas vidas.

À minha orientadora, Eun, pela condução desse trabalho, e, sobretudo, por amorosamente compartilhar suas vivências pessoais, que deram o tom de tudo o que foi escrito aqui.

À mim. Por não ter deixado de acreditar que meus pés sempre saberiam o melhor caminho.

À comunidade afegã e aos brasileiros que constroem a luta do refúgio todos os dias. Por terem escolhido o Brasil, não terem desistido dessa causa e, claro, por compartilharem suas histórias e sonhos comigo.

Ser uma jornalista formada pela Universidade de São Paulo é uma medalha que pesa no peito, uma enorme responsabilidade. A USP permitiu que eu realizasse meus maiores sonhos até aqui –e ainda há muita estrada por vir.

A nós!

Introdução

Muros altos, com quilômetros de arame farpado, e botes lotados em mares infinitos são imagens que saltam à mente de muitos ao ouvir a palavra “refugiado”.

No Brasil, não é assim. A Lei da Migração, promulgada em 2017, garante o direito ao status de legal de refugiado e proíbe a deportação de quem faz uma migração forçada, e, por algum motivo, vem parar aqui.

Imagens como as de afegãos acampando no saguão do Aeroporto Internacional de Guarulhos, em São Paulo, podem gerar questionamento sobre as afirmações anteriores. O Brasil é um bom país para buscar refúgio?

Esta é a pergunta que motiva este trabalho.

Em 15 de agosto de 2021, o grupo fundamentalista islâmico Talibã retomou o controle de Cabul, capital do Afeganistão, consolidando assim a escalada ao poder total do país. Após 20 anos de ocupação das forças armadas dos Estados Unidos, a nação vivia o que imaginou ter acabado.

As imagens veiculadas na imprensa dos dias que antecederam a ascensão do Talibã, e dos que seguiram, causaram impacto global. Aglomerações em aeroportos e nas fronteiras em busca de uma fuga viável.

O Brasil foi o único país a criar um programa de acolhimento para afegãos naquela época. A Portaria Interministerial número 24, de 3 de setembro de 2021, instaurou a emissão de vistos humanitários gratuitos para afegãos que se apresentassem com hora marcada e os documentos adequados nas embaixadas brasileiras autorizadas a dar o documento.

Segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, entre janeiro de 2022 e julho de 2024, mais de 11 mil afegãos cruzaram as fronteiras brasileiras. Ainda não há um número exato de quantos passaram noites no chão do aeroporto em Guarulhos.

Alguns passaram por surtos de doenças, fome, frio e desamparo chegando neste país.

Entretanto, puderam entrar de forma legal, com documentos obtidos gratuitamente – ao menos, deveria ser assim. Não tiveram de atravessar matas perigosas, mares revoltos ou pular muros eletrificados. Sobretudo, não tiveram que viver à margem da lei.

Encontraram aqui uma comunidade disposta a ajudar, ainda que com dificuldades, e um sistema público de amparo à sua disposição. Houve investimento do governo na construção de abrigos específicos para essa população.

Por outro lado, também foram impostas barreiras burocráticas que reduziram de forma drástica a quantidade de nacionais afegãos que podem conseguir abrigo no Brasil.

Enquanto um lado diz chover, e o outro diz que o dia está ensolarado, o papel do jornalista é abrir a janela e verificar o que acontece do lado de fora. Tentar chegar o mais próximo possível do que pode ser a verdade.

Os textos do Portal Khaneh costuram relatos, de natureza incerta, e dados, de natureza concreta, e tentam pintar um quadro realista do que é a vida da comunidade afegã no Brasil. O que aflige quem escolheu ficar na América do Sul, e o que levou os que foram embora a seguir viagem.

O objetivo é ter o retrato dessa migração guardado. Uma migração única, repentina e com conflitos culturais da maior proporção.

Objetivos

O principal objetivo do trabalho é o registro jornalístico e histórico da migração afegã no Brasil.

Houve momentos dos conflitos da população afegã amplamente registrados pela imprensa. As tentativas de fuga do seu país natal e o acampamento no Aeroporto de Guarulhos sendo os dois principais.

Depois disso, pouco se falou sobre o assunto na grande imprensa. Há veículos especializados em migração e refúgio que retratam de modo detalhado o que aconteceu, e serviram de exemplo e inspiração para o Portal Khoneh. Ainda sim, pouco espaço foi reservado para a vida, dilemas e inclusão de afegãos no Brasil.

Observar, ouvir e registrar os relatos de afegãos permite visualizar os conflitos entre duas culturas diametralmente opostas.

De um lado, um país enraizado nos princípios da religião muçulmana (o total de fiéis islâmicos no Afeganistão chega a 99% da população¹), conservador nos costumes e uma cultura profundamente militar – construída a partir de séculos em diferentes guerras. Etnias diferentes brigam por espaço, em conflitos internos.

Do outro, o Brasil. De maioria cristã², entre católicos e evangélicos, um país que tem traços conservadores, mas que ficam bem menos expressivos quando comparados aos afegãos. Por aqui, há tensões raciais latentes, mas também um histórico de miscigenação.

A condição de homem (sic) exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar. (SERUTON, 1986, p.156)

¹ CIA. The World Fact Book. Afghanistan, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/afghanistan/>>. Acesso em: 12 out. 2024

² IBGE. Censo demográfico brasileiro , 2010. Acesso em: 15 nov. 2024

O parágrafo de Seruton ajuda a imaginar a vida de um afegão no Brasil. Como se separar do que te compõe enquanto pessoa que existe no mundo? Ainda mais, indo para um local que nada lembra o seu *terroir*?

O que acontece no choque cultural é a assimilação de elementos dos dois lados. Talvez, os brasileiros que convivem com os afegãos tenham ganhado novas partes de si, enquanto os afegãos que vivem no país tropical, tenham descoberto alguns novos costumes para chamar de seus.

“Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha (...) Em certa medida, o que está sendo discutido é a tensão entre o “global” e o “local” na transformação das identidades.”
(HALL, 1992, p. 75-76)

Os textos do Portal Khaneh tentam condensar alguns dos principais elementos que compõem a recepção de imigrantes em um país: os questionamentos, necessidades, conflitos e recompensas de manter as portas abertas para a imigração.

Também tenta questionar o que falta, e o que sobra, para justificar Brasil o entendimento que os brasileiros possuem de sua nação como um país acolhedor e fácil para estrangeiros.

Principalmente, quer registrar as vidas, sonhos, relações e conflitos que foram nutridos por milhares de pessoas que, cada um por um motivo, escolheu chamar o Brasil de lar.

Justificativa

Do ponto de vista jornalístico, há uma sub-representação da comunidade afegã que vive no Brasil na imprensa. Há muitos registros dos pontos mais nervosos do acolhimento, mas poucos dos momentos posteriores.

Um exemplo é a aprovação da Portaria Interministerial MJSP/MRE nº 42, de 22 de setembro de 2023. Ela condiciona a vinda de afegãos ao Brasil com visto humanitário à recepção de alguma organização cadastrada em um edital no país.

O edital que possibilita a inscrição de entidades para receber os migrantes foi publicado em 30 de agosto de 2024, quase um ano depois da primeira medida. Isso significa que, por onze meses, a vinda de mais afgãos para o Brasil ficou praticamente interrompida.

A mudança afetou a vida de muitos que já viviam por aqui, e outros que estavam por vir. O assunto foi amplamente comentado nas conversas da reportagem com os imigrantes e com brasileiros que convivem com eles aqui – um ponto central da militância por refúgio, debatido a exaustão na comunidade.

O assunto foi abordado em alguns veículos de grande circulação, mas com pouca extensão. O fluxo diário de notícias deixa pouco espaço para tratar assuntos segmentados com profundidade.

O tema é árido. As fontes, em sua grande maioria, têm como primeiro idioma o persa, o dari ou o pashto. Uns falam inglês, outros não. Aprendem português, mas a comunicação é difícil. Há poucas fontes factuais confiáveis, uma vez que há uma dificuldade de documentação no país de origem desses migrantes. A cultura, mais uma vez, é oposta. Fatores que dificultam e estendem o tempo de apuração jornalística.

A missão da universidade pública, como é o caso da Universidade de São Paulo, é retribuir à sociedade a pesquisa que esta viabilizou. Que espaço melhor do que este para investigar um evento rico em observações e baixa cobertura?

O trabalho considera a perspectiva de Chaparro (1994) de jornalismo, que trabalha o conceito de “território de conflitos”, a partir da coleta de depoimentos de fontes que retratam diferentes visões de uma mesma situação central.

Usa os métodos de Medina (1986) tentando estabelecer um diálogo fundamentado na escuta e nas perguntas atentas para construção da pauta jornalística. É um trabalho constituído, acima de tudo, pelos relatos de quem vive as situações e guiado pelas percepções nesse processo.

Como base teórica, busca o conceito de identidade cultural na pós-modernidade de Hall (1992), que versa sobre o derretimento das identidades nacionais e culturais e a eventual miscelânia entre elas.

Assim, o trabalho se justifica por dois aspectos. O primeiro, a missão jornalística de registrar o que há valor noticioso, procurando ouvir as diferentes versões dos envolvidos e checando a sua correspondência com os dados factuais sobre a realidade.

O segundo, a exposição de indivíduos que hoje compõem a sociedade brasileira e como suas histórias podem afetar o convívio na coletividade, a formulação de leis e o tratamento jurídico destinados aos imigrantes.

Processo de produção

O Portal Khaneh começou a ser idealizado no início de 2024, quando o tema foi escolhido.

O formato de portal online escolhido se justifica pela natureza do tema: a situação dos refugiados afegãos do Brasil está em constante atualização. Durante o processo de escrita do trabalho, leis foram alteradas, personagens deixaram o país e o cenário da comunidade esteve em constante atualização. Portanto, faz sentido colocar os registros em um meio que permite a publicação de novidades.

Ao mesmo tempo, o formato de site permite a continuidade do trabalho depois da sua entrega. O portal pode continuar recebendo novas reportagens conforme novas pautas sobre a comunidade afegã se apresentarem.

O site também permite criar uma história não-linear. Todos os aspectos retratados no trabalho ocorrem simultaneamente nas agregações de pessoas em refúgio. Não faria sentido tratar o assunto criando uma narrativa com uma sequência específica – assim, o leitor é livre para escolher o tópico que mais atrai seu interesse à primeira vista, e pode se permitir navegar em outros aspectos da comunidade afegã-brasileira.

O primeiro passo foi a busca de um melhor entendimento sobre o contexto que trouxe afegãos ao Brasil. Entrevistas com jornalistas e pesquisadores que seguem os acontecimentos no Afeganistão há anos contribuíram para uma melhor compreensão do que causou a fuga dos migrantes do país natal.

A leitura incessante de reportagens também foi crucial para o projeto. Os registros do que aconteceu nos últimos três anos foram essenciais para começar a investigação.

Em seguida, foram ouvidos brasileiros que trabalham com afegãos – em sua maioria, do terceiro setor. Eles relataram suas vivências e como acontece a chegada dos afegãos. Como é a acolhida e os passos mais importantes da inclusão dessas pessoas na sociedade brasileira.

Também nesta segunda etapa, a pesquisa de leis e entrevistas com juristas e advogados foram de suma importância para entender o âmbito legal da migração. No caso da nacionalidade afegã, a legislação tem um papel importantíssimo nos movimentos da comunidade migrante.

Então, veio a hora de procurar e conhecer os imigrantes. A parte mais desafiadora do trabalho. Os afegãos são, em geral, pessoas reservadas. Além disso, a língua foi uma barreira importante na comunicação. Nesse cenário, era difícil extrair relatos extensos.

Houve o entendimento, então, de que a melhor forma de conhecer melhor essas figuras não seria através de entrevistas tradicionais, com hora marcada. Foram realizadas diversas visitas a espaços de convivência de afegãos, e lá, conversas mais curtas e espontâneas geraram as aspas presentes neste trabalho.

Ouvir passivamente foi crucial para a execução das reportagens. Muito acontece nas entrelinhas, e manter os ouvidos atentos para o ambiente foi essencial para conhecer aspectos pouco comentados sobre a comunidade.

A busca por fontes oficiais, do governo e de entidades globais, e a procura de dados, em bases diversas.

Finalmente, foi realizada a escrita dos textos, cruzando depoimentos, números e documentos, na busca de resumir uma situação que ganha novos desdobramentos todos os dias.

A partir do material colhido e com a orientação da professora responsável, foram escolhidos seis eixos temáticos principais, que foram considerados indispensáveis para a melhor compreensão da comunidade afegã-brasileira.

São eles: o contexto da fuga do Afeganistão, a chegada ao Brasil e a estadia no aeroporto de Guarulhos, as leis e burocracias que estabelecem o refúgio, os choques culturais (sobretudo os que ocorrem entre as mulheres), a saída do Brasil em busca de países do Norte, o novo edital que dispõe as condições para a chegada de novos imigrantes e a realidade da busca por emprego.

Os eixos mais desafiadores foram os que discorrem sobre questões legislativas. A linguagem jornalística precisa ser fluida e clara – adjetivos que raramente se aplicam à linguagem jurídica. Compreender e traduzir uma série de leis e disposições foi um passo difícil e importante no caminho.

O texto sobre o contexto das mulheres também foi um passo decisivo da escrita do trabalho. Ali, muitos sentimentos entram em cena – fator que complica o jornalismo. Trabalhar com emoções no lugar de fatos foi uma experiência nova e enriquecedora.

Neste momento, o principal desafio era conciliar a sensibilidade com os fatos. Ainda, fazer justiça às promessas feitas às fontes, que contaram suas histórias pedindo sigilo. Dosar o que pode ser registrado para a posteridade e o que deve ficar apenas nas conversas presenciais foi um aprendizado relevante.

O design do site foi pensado para proporcionar uma dinâmica fluida de leitura, permitindo que o leitor escolha por onde quer navegar. As cores selecionadas, preto, vermelho e verde, estão presentes na bandeira do Afeganistão. Dessa forma o site centraliza a cultura afegã, e chama seus holofotes para ela.

O nome “Khaneh” foi escolhido pois significa casa em persa, língua mais falada no Afeganistão – em suas versões locais, o dari e o pashto.

Nas revisões dos textos pela professora orientadora, foram apontadas as informações ausentes e os momentos em que a apuração poderia ganhar mais profundidade.

Este é um tema que renderia centenas de matérias. Outro desafio foi entender a hora de encerrar a apuração e escrever o trabalho com informações suficientes sobre o assunto.

O resultado final são seis reportagens e dois textos introdutórios sobre a convivência entre afegãos e brasileiros em um contexto de refúgio no Brasil, com ênfase na cidade de São Paulo, e um site, o qual deve continuar sendo atualizado pelos anos que virão.

Referências bibliográficas

CHAPARRO, Manoel Carlos. **Pragmática do Jornalismo - Buscas Práticas para uma Teoria da Ação Jornalística**. São Paulo, Summus, série Novas Buscas em Comunicação, 1994.

ACNUR. **Informe sobre o mercado de trabalho formal para pessoas refugiadas afegãs no Brasil**, , jul. 2024. Disponível em: <<https://www.acnur.org.br/sites/br/files/2024-11/informe-mercado-trabalho-formal-pessoas-afegas-no-brasil-junho-2024.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2024

CIA. **The World Fact Book. Afghanistan**, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/afghanistan/>>. Acesso em: 12 out. 2024

MEDINA, C. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: Lamparina, 1992.

(<https://portalkhaneh.online/home/>)

Portal Khaneh

PORTAL KHANEH

Do Afeganistão ao Brasil, à procura de refúgio.

(<https://portalkhaneh.online/home/>)

Portal Khaneh

"Chegar e partir

São só dois lados da mesma viagem

O trem que chega é o mesmo trem da partida

A hora do encontro é também despedida"

Milton Nascimento

Quem somos

As fronteiras do Afeganistão desenham uma área de cerca de 652.230 quilômetros quadrados no coração da Ásia. Não fica no Oriente Médio, nem no levante fértil. Dentro desses quilômetros cabem paisagens que a maior parte dos brasileiros não imagina na região: montanhas, florestas montanhosas, estepes, vegetação fluvial densa – e, sim, também tem um deserto.

Dentro desses quilômetros cabem aproximadamente 40 milhões de habitantes, segundo dados recolhidos pela CIA, o serviço secreto dos Estados Unidos. Em sua maioria, não são árabes. Há cerca de 32 etnias diferentes vivendo dentro desse país, que é menor que os estados brasileiros da Paraíba e Amazonas.

(<https://portalkhaneh.online/home/>)

Falam pashto, dari, persa e briga entre si em todas essas línguas. Também podem conviver em paz: são amigos, familiares e bons vizinhos.

O país tem uma história milenar e foi palco de inúmeras guerras. Ganhou o apelido de "cemitério de impérios": Alexandre, o Grande e Genghis Khan perderam suas batalhas por lá. Dá para dizer que impérios da modernidade também tiveram derrotas no Afeganistão, como os Estados Unidos e a União Soviética.

Em 15 de fevereiro de 1989, o último general soviético atravessou a Ponte da Amizade, que liga o Afeganistão ao Uzbequistão, passando sobre o rio Amu Daria. Esse momento marcou o fim da ocupação soviética no país e marcou a ascensão do grupo fundamentalista islâmico Talibã ao poder pela primeira vez.

Os cinco anos de domínio do grupo foram marcados por um governo com mãos de ferro, bélico e armado até os dentes.

O grupo caiu com a entrada de uma coalizão liderada pelos Estados Unidos em Cabul, capital afegã, em 13 de novembro de 2001. A ocupação foi uma resposta ao ataque ao World Trade Center, em Nova York, em 11 de setembro de 2001.

Durante os vinte anos de ocupação americana (e minoritariamente britânica) no Afeganistão, o mundo assistiu o que é considerada a guerra mais cara da história. A empreitada custou cerca de US\$ 2 trilhões aos americanos.

Alguns presidentes americanos prometeram, mas foi Joe Biden quem tirou as tropas americanas do Afeganistão. Os três mil militares dos EUA que estavam no país em agosto de 2021 receberam ordens para voltar para suas casas, e rapidamente o Talibã tomou diferentes regiões do país.

Em 15 de agosto de 2021, o grupo retomou Cabul e a segunda temporada dos talibãs no poder começou. Segundo a ONU, até 2023, 1,6 milhão de afegãos haviam deixado o país desde a captura da capital.

De acordo com dados do governo brasileiro, cerca de 11,2 mil afegãos tiraram o visto humanitário autorizado em 2021 para que pudesse refugiar-se no Brasil.

O Brasil foi o único país a abrir as portas e criar um mecanismo de refúgio rápido para a população afegã. Desde então, muita coisa aconteceu.

O Portal Khaneh – palavra que significa “casa” em persa – existe para registrar as histórias dos afegãos no Brasil, suas principais demandas, vivências e vontades.

(<https://portalkhaneh.online/home/>)

O objetivo é criar um relatório histórico contínuo, como deve ser o jornalismo, do que aconteceu desde que o fluxo de migrantes afegãos começou a chegar no Brasil.

Portal Khaneh

A gradual mescla entre as culturas brasileira e afegã — tão distintas quanto opostas —, promovida pelo convívio, deu origem a histórias já registradas aqui e a outras que ainda serão contadas, conforme o portal segue em atualização.

O Brasil é um bom país para ser um refugiado? Esperamos que cada leitor tenha a sua própria resposta depois de navegar no Khaneh.

(<https://portalkhaneh.online/home/>)

Portal Khaneh

(<https://portalkhaneh.online/home/>)

Portal Khaneh

(<https://portalkhaneh.online/home/>)

Portal Khaneh

Projeto de conclusão de curso de Luana Franzão para obtenção do diploma de bacharelado em jornalismo pela ECA-USP, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Eun Yung Park.

(<https://portalkhaneh.online/home/>)

Portal Khaneh